

A CHARGE POLÍTICA DO ARTISTA PAULO CARUSO EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

The political caricature drawing of the artist Paulo Caruso in a bakhtinian perspective

Fábio Cardoso dos Santos¹

Resumo: Neste artigo, o objetivo é levar os leitores à compreensão dos recursos verbais e visuais imbricados na constituição do enunciado chargístico, levando em conta os discursos que circularam na mídia e fatos históricos que foram recuperados pelo chargista, os quais geraram a produção desse gênero discursivo de caráter opinativo no período de sua criação. Enfocamos a charge política do artista Paulo Caruso, que teve circulação nacional na revista *IstoÉ/Senhor* n. 1.002, em 1988. A charge em questão, intitulada “A ditadura da moda”, publicada em 30/11/1988, dialoga com os seguintes textos: a reportagem “O dia da estrela”, o editorial “A chance da esquerda”, ambos publicados em 23/11/1988, e o editorial “Luiza não é Rosa”, publicado em 30/11/1988, todos textos retirados da mesma revista.

Palavras-chave: Charge política; Análise do discurso; interdiscursos; gêneros do discurso.

¹ Fábio Cardoso dos Santos é Professor Universitário no Centro Universitário Metropolitano de São Paulo FIG/UNIMESP e Doutorando PUC/SP; e-mail: fabiocasantos@yahoo.com.br.

Abstract: *In this paper, the aim is to lead the readers to understand the verbal and visual means intertwined in the constitution of the caricature drawing's utterance, considering the discourses conveyed through the media and historical facts that were retrieved by the caricature drawer, which generated the production of this discursive genre with opinionative character in the period of its creation. We focus on the political caricature drawing of the artist Paulo Caruso, which had a national reach through the magazine IstoÉ/Senhor issue nr. 1,002, in 1988. The caricature drawing concerned, entitled "A ditadura da moda" ("The dictatorship of fashion"), published on 11/30/1988, dialogues with the following texts: the report "O dia da estrela" ("The star's day"), the editorial "A chance da esquerda" ("The left's chance"), both published on 11/23/1988, and the editorial "Luíza não é Rosa" ("Luíza is not Rose"), published on 11/30/1988, all texts taken from the same magazine.*

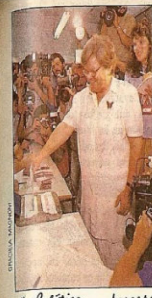
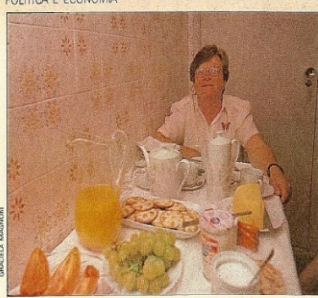
Keywords: *Political caricature drawing; Discourse analysis; Interdiscourses; Discourse genres.*

Pre tendemos, na análise da charge, levar os leitores à compreensão dos recursos verbais e visuais imbricados na constituição do enunciado chargístico, levando em conta os discursos que circularam na mídia e fatos históricos que foram recuperados pelo chargista, que geraram a produção desse gênero discursivo de caráter opinativo no período de sua criação. Visamos, com isso, criar possibilidades para que os leitores possam ser críticos às leituras que constituem o universo da charge e da sociedade em que se inserem.

Para tanto, enfocamos, neste trabalho, a charge política do artista Paulo Caruso, que teve circulação nacional na revista IstoÉ/Senhor nº 1002, no ano de 1988. A charge em questão, de título *A ditadura da moda*, publicada no dia 30/11/88, dialogará com os seguintes textos: a reportagem *O dia da estrela*, o editorial *A chance da esquerda*, ambos publicados no dia 23/11/88 e o editorial *Luíza não é Rosa*, publicado no dia 30/11/88, textos estes, retirados da mesma revista.

Buscamos, dentro de uma perspectiva dialógica do discurso, analisar e, direcionar os leitores para o entendimento das relações dialógicas e das ideologias que permeiam os discursos constitutivos da charge política em estudo, a fim de contribuir para uma leitura profícua e, por

consequente, contribuir para a construção e a transformação desses leitores em cidadãos mais críticos e atuantes na sociedade a que pertencem. Os corpora seguem abaixo:



A hora da vitória
 Ela toma o café em casa, abraça seu vice, vota na Zona Leste e parte para as comemorações que acabaram contagiando um malufista. No dia seguinte, confirmada a vitória, sobrevive a cidade num helicóptero

** Política - Invenção Municipal*

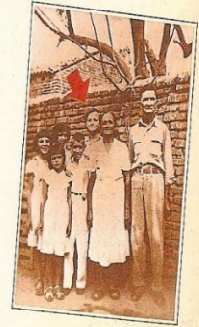
O dia da estrela

Luiza Erundina, a prefeiteinha de 1,50 m, ocupa o palco e mostra que poderá dar um show. Se o PT deixar, naturalmente

TÁO GOMES PINTO



A estatura da prefeita de São Paulo oscila entre 1,50 m e 1,57 m. Isso depende da ideologia. A direita diz que ela tem 1,50 m. Alguns assessores que rodeavam Luiza Erundina nestes dias de comemorações garantem que ela tem no mínimo 1,55 m e pode passar de 1,60 m dependendo dos saltinhos. A própria não sabe. A última vez que mediu tinha, ao que se lembra, 1,55 m. Isso pode ter mudado. Ela vai completar 54 anos no próximo dia 30. A idade às vezes tira alguns centímetros, principalmente para quem carrega sobre os ombros pesadas responsabilidades. Ela tem os ombros pesados há muitos anos. Sua irmã Lurdes diz que, ainda moçoicha, Luiza já era arrimo de família. Em Campina Grande, no interior da Paraíba, era professora e ajudava no sustento das irmãs e da mãe. De qualquer forma Luiza Erundina



Família nordestina
 Uma foto rara, com o pai e os irmãos

*Política

ISTOÉ
SENHOR

23 DE NOVEMBRO/1988



Bom começo nos tempos maus

A chance da esquerda

Agora pode provar que sabe administrar a coisa pública com a competência que faltou aos velhos donos do poder

Eminentes personalidades peemedebistas entendem que sua desgraça eleitoral se deve à aliança com José Sarney. Em compensação, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, acusa o PMDB por todos os males do mundo. Tem-se a impressão de que uns e outro se sentem vítimas da fatalidade, vítimas inelutáveis, escolhidas a dedo pelos deuses, como personagens da tragédia grega. Vale, porém, aventar outra hipótese.

Trata-se de egrégios representantes de elites políticas acostumadas a ter pleno êxito no jogo da falsa mudança, aquele de que falava o príncipe de Salina, “muda alguma coisa para não mudar coisa alguma”. Pretendem ser guiados pela prudência, conselheira bela e sábia, e em nome dela só conseguem conceber a saída pela direita, como o Leão da Montanha, inviolável herói de histórias em quadrinhos. Às vezes amargam longos períodos na oposição, mas quando chegam ao poder se portam como quem ali os precedeu. Não causa surpresa que o PMDB da Nova República tenha ocupado o exato espaço que na Velha coube à Arena e ao PDS.

Hoje todos entendemos o significado dessas eleições municipais. O povo brasileiro repudiou o arreglo de cúpula que traiu a sua vontade de diretas-já, manifestada há quase cinco anos, e que gerou a chamada transição. Reprovou Sarney e o esquema que o sustentou no poder e que teve o desplante de lhe assegurar cinco anos de mandato. Disse não, enfim, à Nova República.

O povo brasileiro ofereceu-se a chance de precipitar condições para uma nova experiência política, que começa no município e pode acabar em Brasília. Não é somente a política econômica do ministro Mailson que está em xeque, ou o “pacto social” negociado por “sindicalistas de resultados”, cujo resultado mais notável foi o de ter facilitado a vitória eleitoral de sindicalistas sem resultados. Está em xeque, também e sobretudo, uma maneira de fazer

política e gerir a coisa pública que não sofre alterações substanciais há séculos e que levou o País ao desastre atual.

Haverá, na cúpula, a tentativa de contornar o obstáculo e segurar as pontas. O presidente da República quer conversar com o PT e o PDT no mesmo momento em que seus porta-vozes dizem que finalmente está livre das incômodas pressões dos governadores peemedebistas Orestes Quércia e Newton Cardoso. Até parece que Sarney sonhou com a vitória de Lula e Brizola. Os quais são, porém, marinheiros de longo curso, cada qual a seu modo e com espartezas próprias.

Para Sarney inicia-se, mesmo, a contagem regressiva. Apesar das judiciosas recomendações à suave espera das eleições presidenciais de 89, feitas e repetidas exaustivamente por políticos de diversas extrações, não é improvável que se fortaleça a tendência à solução parlamentar da crise, perfeitamente legal e democrática. Sem trair a nova Carta, o Congresso pode antecipar as diretas, consagrar a vontade da Nação e apressar um tempo realmente novo.

Santo remédio, as eleições. Delas renascem esperanças que os donos do poder cuidaram sistematicamente de esmagar em interpretação muito própria do mito de Sísifo, no qual pretenderam o papel da pedra. Há quem se sinta às vésperas da Revolução Francesa, que trouxe à ribalta o Terceiro Estado. Veremos. Há também quem perceba o avanço da esquerda, mas as próprias lideranças petistas não vêem as coisas desta maneira. Lula e Cia. analisam o resultado do voto com lucidez. Luiza Erundina anuncia que será feita não dos correligionários, mas de todos os paulistanos.

Bons sinais de administrações álacres e corretas, como se deu na Itália, por exemplo, nas inúmeras prefeituras – quase todas as das principais cidades – entregues aos comunistas, ou a coligações de esquerda, nos últimos 40

28

ISTOÉ SENHOR/1001 – 23/11/88

* Política - Sucessão Municipal

ISTOÉ
SENIOR

30 DE NOVEMBRO/1988

Luiza não é Rosa

Mas a imprensa pretende descobrir uma revolucionária. Por quê?

As opiniões de Luiza Erundina preocupam muito menos que a teimosia da imprensa em descascar bananas pelos caminhos da prefeita eleita de São Paulo. Em compensação, as razões de Luiza Erundina são muito mais claras que as razões da imprensa.

A prefeita não tem as manhas dos mestres do *off*, do balão-de-ensaio, do despiste. Vai rigorosamente em todas as bolas, morde todas as iscas, à menor provocação entrega logo o que pensa ou sente, artigo de fé ou fruto de raciocínio. É provável que a prefeita acabe por aprender a defender-se – por enquanto, para quem gosta de colocá-la em dificuldade instigando-a a declarações ousadas, é um convite à valsa.

Cercada pelos insistentes perguntadores do programa *Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo, Luiza Erundina pode afirmar, por exemplo, e de repente, que o socialismo somente se instala através da luta armada. Permitem-se dúvidas sobre o socialismo de que fala, mas é óbvio que a prefeita expõe uma tese, não se candidata a líder do levante. Mesmo assim, os jornais do dia seguinte registram as declarações da prefeita na primeira página, e se não pretendem tratar-se de misto quentíssimo de Rosa Luxemburgo com Pasionaria, confiam, ao menos, na inclinação de muitos leitores a vê-la como, digamos, um jegue de Tróia empurrado pelas bases petistas na direção do Ibira-puera.

Qual seria o alvo desses jornais? Assustar os burgueses,



WAGNER IWANOWSKI/AGF

inquietar os militares, apressar confrontos? Ou, simplesmente, elevar tiragens? Os propósitos da imprensa nem sempre são transparentes, e vale até admitir o singelo intento deste ou daquele repórter de agradar o patrão, o que às vezes significa ser mais realista do que o rei. Inúmeros profissionais do jornalismo propalam a sua fé petista, mas ninguém é de ferro.

Tem-se a impressão, inclusive, de que eles se julgam bem mais contemporâneos do que a prefeita eleita.

De verdade, custa crer que Luiza Erundina desconheça a história de ferozes tiranias nascidas de belos sonhos socialistas, ou de socialistas que chegaram ao poder pela via eleitoral sem traír a ideologia, de Olaf Palme a Felipe Gonzáles. Sem dizer de um *sir* Clement Attlee que no imediato pós-guerra derrotou *sir* Winston Churchill nas urnas e agrediu a loura Albion com uma devastadora *blitz* estatizante. De certo, não há mais companhias privadas de transporte urbano na Grã-Bretanha.

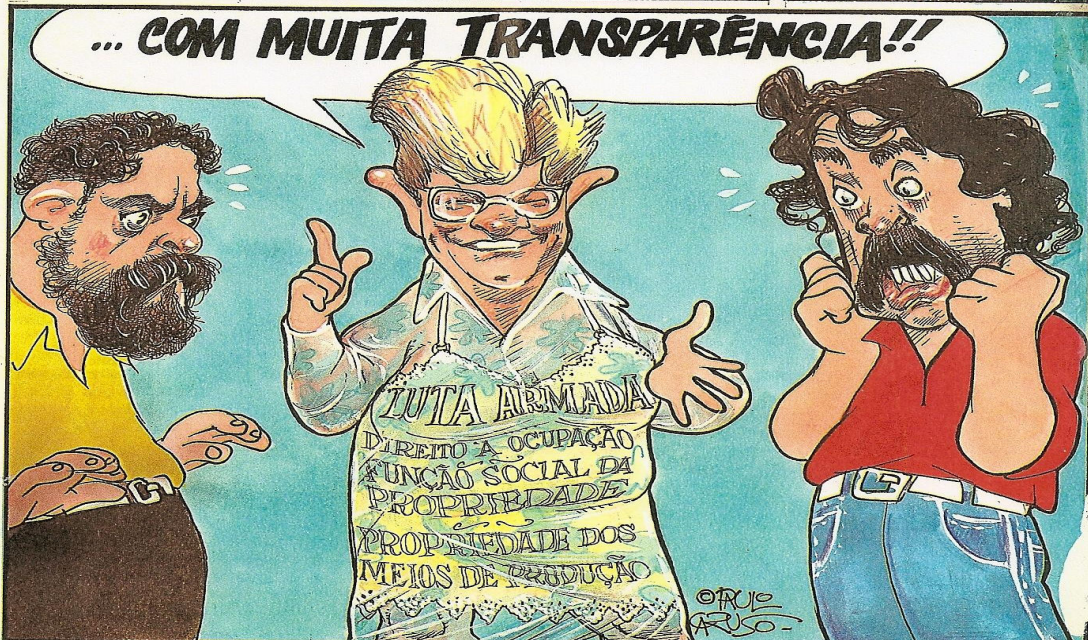
De quando em quando, os petistas lembram peregrinos medievais, e embora alguns tenham lido Antonio Gramsci, aquele pensador moderníssimo, exibem o tom de Pedro, o Eremita. De todo modo, insinuar os propósitos revolucionários da prefeita configura uma aposta exagerada na sua ingenuidade, ou na ignorância dos leitores.

Entre as questões acadêmicas debatidas por Luiza Erundina e o relato da imprensa há uma diferença notável. Ela se expõe como crente e professora de Sociologia, mas

PAULO
CARUSO
apresenta...

AVENIDA BRASIL

em...
"A DITADURA
DA MODA"



122

ISTO É SENHOR/1002 – 30/11/88

Para dar conta do que pretendemos exploraremos a função social atribuída a ela e, concordamos com a citação de Agostinho, segundo a qual a charge se constitui realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão (AGOSTINHO, 1993, p. 229).

Destacamos, na charge, a presença do humor, elemento comum que perpassa as formas de linguagem. Podemos considerar também a efemeridade da charge, que geralmente é esquecida diante dos acontecimentos da sociedade, mas permanece viva como memória histórica. Cagnin define-a como o desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, criticar e satirizar (CAGNIN, s/d).

Há outra característica da charge: constituir-se como instrumento de persuasão, intervindo, dessa forma, no processo de definições políticas e ideológicas do receptor, por meio da sedução pelo humor, e criando, assim, um sentimento de aceitabilidade que permite um processo de mobilização e reflexão diante dos fatos da sociedade. Segundo Cagnin, cabe à charge:

expor uma ideia, dissertar sobre um tema. Ainda que esteja ligada a um fato ou acontecimento e o represente de alguma forma, sua preocupação, ou do chargista, não é o acontecimento, mas o conceito que faz dele, ou mais comumente a crítica, a denúncia do fato, quando não procura aliciar o leitor para os seus arrazoados princípios, programas ou ideologia. (CAGNIN, s/d).

A charge, um gênero discursivo, de caráter opinativo, se insere na esfera de circulação dos textos informativos, recupera notícias veiculadas no momento de sua criação e tem a função de flagrar criticamente o cotidiano político (BRAIT, 1996). O gênero charge pode ser analisado, considerando o contexto sócio-histórico em que foi produzido e veiculado.

Quanto à montagem da charge em forma de Histórias em Quadrinhos, comumente conhecida como HQ, recorremos a Agostinho (1993, p. 228), a fim de entendermos melhor como se processa essa criação do ponto de vista composicional, ou seja, é preciso reconhecer que há, na charge, uma ação do indivíduo no contexto social e, é necessária a utilização de

diversos elementos gráficos como cenário, espaço, perspectiva, movimento, onomatopéias e, às vezes, o texto verbal para dar voz às personagens.

Na charge produzida por Paulo Caruso, veiculada em 30/11/1988, observamos que os discursos pertencem a sujeitos instaurados no universo concreto. Assim, resgatamos Bakhtin (2003), pois o autor entende que discurso sempre está fundido em forma de enunciado, pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Assim, na charge, temos três personagens centrais, todos membros do Partido dos Trabalhadores (PT): Luís Inácio Lula da Silva, Luiza Erundina e Luiz Eduardo Greenhalgh, respectivamente o presidente do PT, a prefeita eleita e o vice-prefeito, aos quais esses enunciados pertencem.

Brait (1996) enfatiza que, em uma charge, não se pode de modo algum ignorar toda a informação trazida pelo visual, tal como cores, figuras e distribuição gráfica, para compor o sentido do enunciado concreto. Constitui-se, assim, uma sequência por meio da qual se põe o chargeado em contato com o discurso produzido, levando assim à leitura da charge e à reflexão sobre ela. Nesse sentido, Agostinho (1993, p. 228) diz que a charge representa uma ação do indivíduo no contexto social e, como consequência, necessita de vários elementos gráficos para materializar-se, tais como: cenário, espaço e movimento. Os autores citados apresentam maneiras de ler a charge quanto ao seu aspecto composicional não se restringindo apenas a leitura dos discursos travados na charge.

Para compreendermos a mensagem da charge escolhida, é preciso contextualizá-la na esfera em que se apresenta e no momento em que foi produzida, uma vez que ela marca a temporalidade do fato narrado em um determinado espaço. A esfera, neste caso, é a revista IstoÉ/Senhor, da Editora Três, o tempo é 30/11/1988, período de eleição para prefeitura de São Paulo, e o espaço é a cidade de São Paulo. Tendo como editor e diretor Domingo Alzugaray, o objetivo da revista era informar aos leitores sobre os fatos ocorridos no dia a dia e sobre os acontecimentos políticos da época. Na década de 1980, a revista IstoÉ/Senhor apresentava forte tendência de oposição ao governo e de crítica às elites, sendo possível afirmar que sua posição política se situava no campo da centro-esquerda. Nessa esfera específica de circulação, destinava-se a um público determinado.

Diniz (2000) afirma que a “charge atua como representação que organiza e sintetiza um momento e um pensamento, enquanto intertexto, dialoga com outros textos verbais e não verbais, produzindo sentidos capazes de enriquecer ou subverter o fato que evoca”. Dessa forma iremos promover o diálogo entre a charge A Ditadura da Moda, publicada no dia 30/11/1988, que selecionamos, e a reportagem, publicada no dia 23/11/1988, intitulada *O dia da estrela*, o editorial *A chance da esquerda*, igualmente do mesmo dia, e o editorial *Luíza não é Rosa* do dia 30/11/1988, todos da mesma revista IstoÉ/Senhor, resgatando, desse modo, alguns discursos veiculados que deram origem à produção e criação dessa charge, pois, como diz Bakhtin (2003), o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações de determinados falantes, sujeitos do discurso.

Vejamos alguns trechos das reportagens *O dia da estrela* (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52), a que estamos nos referindo, que deram origem à produção e criação da charge:

No dia da eleição, já com a vitória pressentida, Erundina deu uma longa entrevista ao jornal Folha de S. Paulo que pode ser considerada um primor em termos da proposta petista e um desastre em termos de uma visão política um pouco mais flexível. Aparentemente, DEFENDEU AS INVASÕES DE TERRA, QUE CHAMOU DE “OCUPAÇÕES”, DIZENDO QUE EXISTE UM DIREITO DE SOBREVIVÊNCIA QUE SE SOBREPÕE AO DIREITO DE PROPRIEDADE. Na verdade, estava levantando uma questão moral. Como um direito natural, o direito à moradia precede o de propriedade. Mas em momento algum pregou o desrespeito à lei. [...]. (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52, grifo nosso).

IstoÉ/Senhor acompanhou várias dessas entrevistas e registrou algumas palavrinhas-chave nas declarações da prefeita a respeito da sua futura administração. Uma dessas palavrinhas é “competência”. Sempre que alguém indagava se São Paulo, finalmente, teria uma prefeita socialista, Erundina retrucava: “A PROPOSTA DO PT É SOCIALISTA, MAS COM REALISMO EU SEI QUE NÃO EXISTEM CONDIÇÕES

OBJETIVAS PARA UMA ADMINISTRAÇÃO SOCIALISTA EM SÃO PAULO, HOJE. NOSSA ADMINISTRAÇÃO SERÁ DEMOCRÁTICA, POPULAR E COMPETENTE.” (destaque nosso) Ela bateu durante dois dias nessa tecla mesmo sabendo que COMPETÊNCIA E REALISMO NÃO FAZEM PARTE DO JARGÃO PETISTA [...] (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52, **grifo nosso**).

Resta saber se o PT aceitará essa postura da SUA EX-LÍDER (destaque nosso) considerada até ontem UMA XIITA (destaque nosso). Se a pequenina e determinada Erundina conseguir segurar o PT, São Paulo poderá ser o cenário para uma inédita experiência política, a do povo no poder (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 54, **grifo nosso**).

Há mais de 10 anos, desde o aparecimento de Lula no cenário sindical, e de jovens lideranças não comprometidas com o peleguismo tradicional, IstoÉ/Senhor, ESPERA PELO NASCIMENTO DE UM FORTE E INTELIGENTE PARTIDO DE ESQUERDA (destaque nosso), capaz de cumprir por aqui o mesmo papel que fortes e inteligentes partidos de esquerda desempenharam em outros países, hoje na vanguarda no mundo (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 29, **grifo nosso**).

O PAÍS INTEIRO ESTÁ DANDO INÍCIO A UM TESTE DECISIVO e os próprios petistas estão testando a si próprios. Ninguém se assuste com eventuais assomos de retórica radical. Fazem parte das circunstâncias e deixarão espaço para outro discurso, se o PT estiver à altura da tarefa e, especialmente, de uma nova prática na administração do poder. (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 29, **grifo nosso**).

Vai rigorosamente em todas as bolas, morde todas as iscas, à menor provocação entrega logo o que pensa ou sente, artigo de fé ou fruto de

raciocínio. É provável que a prefeita acabe por aprender a defender-se – por enquanto, para quem gosta de colocá-la em dificuldade instigando-a a declarações ousadas, é um convite à valsa (ISTOÉ/SENHOR, 30/11/1988, p. 30).

Os propósitos da imprensa, nem sempre são TRANSPARENTES [...] (ISTOÉ/SENHOR, 30/11/1988, p. 30, **grifo nosso**).

[...] o socialismo somente se instala através da LUTA ARMADA. Permitem-se dúvidas sobre o socialismo de que fala, mas é óbvio que ela expõe uma tese: não se candidata a líder do levante (ISTOÉ/SENHOR, 30/11/1988, p. 30, **grifo nosso**).

Durante sua campanha, Erundina defendeu as ocupações de terra efetuadas pela população com menor poder econômico. Isso foi registrado em inúmeras reportagens e textos da mídia, dos quais trazemos alguns excertos. Por isso, a charge que analisamos traz traços dessa temática no vestido da prefeita. Desse modo, ao fazer a charge, o autor pressupõe que o leitor reconheça, na situação narrada ou na cena que ele mesmo cria, o fato que lhe dá origem. Segundo Cagnin (s/d), a charge tem por finalidade expor uma idéia, dissertar sobre um tema.

Ao analisarmos o primeiro quadrinho da charge, vemos Lula chamar Erundina e Greenhalgh de rapazes. Nas reportagens citadas, encontramos referências que nos ajudam a entender essa expressão coloquial e próxima.

A reportagem do dia 23/11/1988, citada acima, começa descrevendo a estatura da prefeita recém eleita. O repórter diz que pode variar de 1,50m a 1,55m, dependendo da ideologia política. E segue dizendo que ela cresce quando se senta a seu lado e passa a ouvir com atenção o que dizem aqueles lábios finos e principalmente os olhinhos espertos que, às vezes, se apertam atrás de um discreto bifocal. Dessa afirmação é que temos a representação na charge dos óculos e dos olhinhos apertados. Cita, também, que, por volta de 1975, Erundina

[...] conhece Lula e pelas mãos do então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema é levada a participar das

primeiras reuniões que resultariam na criação do PT em 79 (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 53).

Esse momento é registrado pelo chargista, ao representar Lula, em um diálogo bastante informal, convocando seus “rapazes” para atuarem, como podemos perceber no primeiro quadrinho da charge, quando ele diz à Luiza Erundina e ao Luiz Eduardo Greenhalgh:

Muito bem rapazes, o país inteiro está de olho na gente agora! Vamos ver como vocês se comportam, hem?

Lula chama a ela e ao Greenhalgh pelo vocativo “rapazes”, colocando-os num patamar de proximidade, em suposta condição de igualdade. Essa igualdade é representada pelo Chargista pela estatura das personagens e por suas feições, como apontado acima, na representação típica da caricatura.

Nessa fala o AGORA representa o momento em que o PT assume o posto, o próprio partido está em xeque – pois vai governar São Paulo pela primeira vez, depois de anos disputando eleições – e é preciso trabalhar bem para garantir Lula presidente. O advérbio agora marca bem o momento que o PT vive. É o agora do PT, o momento do PT, é o partido que está no comando em São Paulo no agora da época. Em seguida, Lula chama-os à responsabilidade, como um pai fazendo recomendações a seus filhos, espera deles uma conduta adequada: “vamos ver como vocês se comportam, hem”?

É isso que Lula espera deles e a sociedade como um todo. Na mídia encontramos discursos que fazem referência a essa necessidade de o PT demonstrar que sabe fazer um bom governo, como por exemplo:

O PAÍS INTEIRO ESTÁ DANDO INÍCIO A UM TESTE DECISIVO e os próprios petistas estão testando a si próprios. Ninguém se assuste com eventuais assomos de retórica radical. Fazem parte das circunstâncias e deixarão espaço para outro discurso, se o PT estiver à altura da tarefa e, especialmente, de uma nova prática na administração do poder. (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 29, **grifo nosso**).

E:

Há mais de 10 anos, desde o aparecimento de Lula no cenário sindical, e de jovens lideranças não comprometidas com o peleguismo tradicional, IstoÉ ESPERA PELO NASCIMENTO DE UM FORTE E INTELIGENTE PARTIDO DE ESQUERDA, capaz de cumprir por aqui o mesmo papel que fortes e inteligentes partidos de esquerda desempenharam em outros países, hoje na vanguarda no mundo (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 29, **grifo nosso**).

Erundina responde: “...Xa comigo!”, expressão em que se evidencia a coloquialidade. Portanto, podemos observar que ela produz um discurso popular, condizente com o jargão petista proferido e defendido pelo partido de esquerda. O personagem Eduardo Greenhalgh, de olhos fechados, profere a interjeição “Bah!”, indicando sua concordância com a afirmação produzida por Lula e também, com certa arrogância, que a missão a ser cumprida seria fácil ou – poderíamos dizer também coloquialmente – “moleza”.

Para dar suporte à análise, Diniz (2000, p. 528) afirma que o discurso cômico, aqui representado pelas expressões “Xa comigo!” e “Bah!”, é um registro humorístico passível de ser usado como traço caricatural ou em qualquer situação inusitada do discurso que o autor propõe na charge.

No segundo quadrinho, temos a caricatura de Erundina. A caricatura, segundo Bergson (2001, p. 17), recorre às deformidades com seu poder de provocar o riso explícito na charge. “Erundina cresce quando alguém senta ao seu lado e passa a ouvir com atenção o que dizem aqueles lábios finos e principalmente os olhinhos espertos que, às vezes, se apertam atrás de um discreto bifocal” (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 51). Paulo Caruso dá ênfase aos traços da personagem no segundo quadrinho. A personagem, na charge diz: “Nós vamos dar o exemplo de humildade, competência e o que é mais importante...”, discurso esse que nos transmite a ideia de que o PT governará com humildade e competência, já que assumirão o poder, que os outros partidos anteriores não o fizeram.

Esse discurso é recuperado da mídia. No editorial do dia 23/11/1988, p. 28, da mesma revista, intitulado *A chance da esquerda*, logo no subtítulo, o jornalista diz que o PT agora pode provar que sabe administrar a coisa pública com a **COMPETÊNCIA** que faltou aos velhos donos do poder. Deixa subentendido que o PT é o novo dono do poder. Esse enunciado da mídia está representado nos dois primeiros quadrinhos da charge: na fala do Lula a seus “rapazes” e na fala de Erundina.

A palavra *competência*, igualmente, foi retirada dos enunciados da época. Na reportagem do dia 23/11/88, *O dia da estrela*, o jornalista registra que durante os dias que sucederam à definição dos resultados Erundina abusou de uma “palavrinha chave”, sendo uma delas “competência”. A prefeita, sempre que alguém indagava se São Paulo, finalmente, teria uma prefeita socialista, retrucava:

A proposta do PT é socialista, mas com realismo eu sei que não existem condições objetivas para uma administração socialista em São Paulo, hoje. Nossa administração será democrática, popular e **COMPETENTE** (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52, **grifo nosso**).

Como vimos anteriormente, as palavras, como signos ideológicos, carregam valores, dão o tom do discurso, são valorativas. O autor-criador, no caso o jornalista, ao proceder à escolha de uma palavra ou de outra, posiciona-se axiologicamente, já faz um recorte estético e ético frente ao fato narrado. Estético pela escolha da palavra, pelo recorte, pela escolha sintática. Essa escolha estabelece o tom, o juízo de valor, e o autor coloca-se eticamente, posiciona-se. Cria no outro uma atitude responsiva, que pode ser de concordância, anuência e ação. Ao ler, o leitor posiciona-se responsivamente frente ao discurso, interagindo com ele, resgatando de sua bagagem cultural, de sua memória discursiva, ideologias para entender a fala do outro.

O jornalista posiciona-se criticamente e continua dizendo que:

nos dias que se seguiram à eleição, a prefeita foi a estrela solitária (grifo nosso) da sua vitória, e informa que: As bases radicais do PT, as quais Erundina representaria em oposição à linha mais elaborada do partido a

qual se filiaria o próprio Lula, se abstiveram sensatamente de subir ao palco onde Luiza brilha (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52).

O jornalista vai construindo a imagem da prefeita, e demonstra a contradição entre a militante de esquerda e mulher de aparência também doce e familiar, entre a radical e a ponderada, entre a moça de Campina Grande que lembra muito uma freirinha progressista típica daquela época, e a marxista que adota a teoria do materialismo dialético entre Macabéia, moça pobre e franzina, órfã e Rosa de Luxemburgo e Pasionaria. (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 30, 52-54).

O chargista recupera esses discursos da mídia e constrói a imagem e a fala de Erundina nos dois primeiros quadrinhos. O segundo quadrinho traz a fala da prefeita, numa atitude responsiva frente o discurso de Lula, dizendo que

Nós vamos dar o exemplo de humildade, COMPETÊNCIA e o que é mais importante... (**grifo nosso**)

A fala termina com reticências, remetendo ao discurso do último quadrinho, às frases que aparecem sob a transparência da roupa.

Vamos ver de onde o chargista recupera esse discurso e como ele o atualiza na charge. Erundina aparece na reportagem O dia da estrela em fotos do dia da eleição, com uma saia estampadinha e com uma blusa, também estampadinha de flores, transparente sobre uma combinação de alcinha, sorrindo e olhando para frente e com Lula abraçando pessoas. Nessa mesma reportagem, é evidente as fotos de sua juventude, magrinha, franzina com a família pobre do interior da Paraíba. No editorial Luiza não é Rosa, aparece sendo entrevistada, já mais velha, com camisa e corte de cabelo curto, com feições mais masculinizadas e duras.

Dessas imagens é que o chargista cria sua personagem, na charge intitulada A Ditadura da Moda, a caricatura de Erundina no primeiro quadrinho, junto com Lula e Greenhalgh, em que suas feições aparecem masculinizadas, com camisa, em primeiro plano, como os outros dois personagens, parecendo um dos “rapazes” de Lula. No segundo, de frente, em close, sorrindo, e no terceiro quadro, de frente, plano americano, de corpo inteiro, sorrindo, com vestido estampadinho de flores, transparente sob o qual se pode ver a combinação de alcinha e as

palavras de ordem impressas na combinação. A moda Luiza Erundina, a ditadura da Moda, a moda PT.

A interdiscursividade é levantada em um texto que cita outro já construído com base no qual são produzidos outros textos, sem que se perca o sentido e a essência do primeiro. Dentre as reportagens escolhidas, há referências textuais e de discursos que remetem à obra de Clarice Lispector intitulada *A hora da estrela*.

A interdiscursividade é criada por uma unidade da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 270) – o enunciado *A hora da estrela*, ou seja, essa unidade de significação, esse enunciado, permite evocar outro já consagrado e, provavelmente, conhecido pelos leitores da IstoÉ/Senhor, revista em que as reportagens e a charge circulam.

É o momento em que o PT chega ao poder, elegendo Erundina para o cargo de Prefeita de São Paulo. É a hora da estrela do PT brilhar: do próprio partido brilhar e de sua “estrela” Erundina, prefeita, brilhar. A estrela remete ao partido comunista, ao socialismo. A palavra brilhar é polissêmica, carrega em si muitos significados, muitos discursos, outros sentidos como de resplandecer, emanar brilho, como astros de cinema, pessoas em evidência, com fama; de governar, mandar, remetendo aos partidos políticos, aos emblemas das forças armadas, dos policiais; de estar exposto, aparecer, estar em evidência; ter visibilidade, como Erundina nesse momento e o próprio partido; de ter sorte. Evoca outros discursos: o da fama, o da religião, o de ordem, o político, o socialista, o do espetáculo.

Há interdiscursividade entre a obra, a reportagem e a charge. Na obra de Clarice há a nordestina pobre, órfã, quase sem expressão, tímida, feia, franzina, com poucos amigos, sem cultura, sem capacidades nem habilidades, que vem para a cidade grande tentar a sorte. Tem seu momento de estrela no ato de sua morte, quando pela primeira vez se reconhece como uma pessoa, quando diz eu sou, eu sou, eu sou (LISPECTOR, 1998, p. 84), é o seu momento de glória, o de sua morte. Mundo fictício.

Na reportagem, há a nordestina pobre, órfã, tímida, com poucos amigos, franzina, que vem para a cidade grande tentar a vida. Mas aqui, na vida real, vence, consegue amigos, tem expressão, capacidades, habilidades, tem voz, chega a brilhar, brilhar como estrela – estrela do

PT. A charge, enuncia o momento de vitória do PT, o momento de Erundina, a pobre nordestina, a órfã governar, mandar, brilhar. Coloca em evidência o partido, seus membros, suas ideologias, mostra o que está escondido, revela por sob a transparência as palavras de uma militante radical, de postura quase xiita (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 54). É metonímia do Partido dos Trabalhadores.

Erundina é filha de família humilde do sertão da Paraíba, órfã de pai muito cedo e de mãe. Ela quem traz a família para a cidade grande, ela tem os ombros pesados há muitos anos (O dia da estrela IstoÉ/Senhor, 23/11/88, p. 51). O repórter recupera o discurso da pobreza e da obstinação nordestina presente na vida real e na obra de Lispector.

O chargista ao compor seu discurso apresenta a voz do PT. Essa voz aparece por sob o vestido da prefeita, evidenciada pela transparência. Essa voz retratada na reportagem como sendo a proposta do partido para o mandato da prefeita eleita. Na reportagem o jornalista afirma que: “Ela fala, naturalmente, a língua do PT, tem discurso com proposta petista.” (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 51).

Mas, no entanto, também relata que ela

“...exasperou o partido durante a campanha na TV, por ser light e não passar a proposta do partido” (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52).

Mostra a contradição a postura da militante socialista ideologicamente marxista de aparência frágil de freirinha progressista, adepta a teoria materialismo dialético, que se coloca nas bases radicais do partido, que tem a aparência doce e familiar (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52-53).

O jornalista não se atém a apenas apresentar o fato da eleição, mas faz um longo relato dos momentos da prefeita com a imprensa naqueles dias, apresentando Erundina e sua fala. Diz que as entrevistas dadas constituíram um primor em termos de proposta petista e um desastre em termos de visão política um pouco mais flexível.

Diz ainda que ela “defendeu invasões de terra, que chamou de ‘ocupações’, dizendo que existe um direito de sobrevivência que se sobrepõe ao direito de propriedade” (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/1988, p. 52).

Registra que ela sabe que fala para um repórter petista nessa entrevista, usa as palavras do PT, pois como diz o jornalista é menos arriscado escandalizar a burguesia do que escandalizar o PT. Assim, mostra que a frágil e doce mulher responde às perguntas e provocações conforme a ocasião. Sua palavra é de acordo com a situação. Nessa reportagem, o jornalista demonstra que a prefeita usa dos jargões do PT à sua conveniência, dependendo para quem fala.

Na entrevista dada ao programa Roda Viva, na TV Cultura de São Paulo, Erundina afirmou que o socialismo somente se instala por meio da LUTA ARMADA (ISTOÉ/SENHOR, 30/11/88, p. 30, grifo nosso). Segue afirmando que pairam dúvidas sobre o socialismo por ela praticado e que é óbvio que ela expõe uma tese: não se candidata a líder do levante.

O desfecho vem no quadro final, que ocupa toda a metade da página, abaixo dos dois primeiros quadros. Com letras em negrito e em caixa alta, Erundina fala: ... **COM MUITA TRANSPARÊNCIA!!**

Ao passarmos para o terceiro quadro, retomamos Beluzzo (1992, p. 210), segundo a qual a caricatura, em suas origens, “veio preencher o espaço da comunicação doméstica e, nos melhores casos, uma intensa participação na vida social e política do Segundo Reinado. Marcou uma nova posição do artista face à sociedade”. Tal “função social” da caricatura podemos, aqui, estender à charge, quando Erundina, ao centro do terceiro quadro, diz: “...com muita transparência!!”.

Nessa passagem final o chargista provoca o riso que, segundo Bakhtin (2008, p. 57), tem

[“o riso] um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante que o sério”. (BAKHTIN, 2008, p. 57).

O riso é provocado pela imagem dos dois companheiros, um de cada lado dela, com olhos arregalados em expressão de espanto ao ver o que a prefeita, ao centro, enuncia. A prefeita é representada com roupa transparente que deixa antever suas formas, sua combinação, as palavras de ordem sob a blusa transparente, as feições faciais, a postura de frente. As mãos, a direita aponta para a frase bem grande e em caixa alta, acima de sua cabeça, ocupando quase toda a extensão do quadrinho e em negrito com exclamações, onde se lê: ... COM MUITA TRANSPARÊNCIA!!, e a mão esquerda próxima ao peito, aberta, apresentando as palavras que se deixam ver por sob a transparência.

Como enunciante, na charge, Erundina provoca uma atitude responsiva frente a seu enunciado em seus companheiros. Essa atitude responsiva se dá por meio do não verbal, pelas expressões fisionômicas e corporais dos dois personagens. Mostram-se espantados com o que lêem. Por sob o vestido, as letras aparecem em destaque. A prefeita é metonímia do PT, representa, então, a ideologia do partido naquele momento, para o governo de São Paulo. Para o leitor, a atitude responsiva instaurada pelo enunciado leva-o a estabelecer as relações dos enunciados, das vozes que os constituem, dos sentidos imbricados e subjacentes ao discurso.

Ao recuperar os discursos veiculados na mídia e correlacioná-los com os outros que fazem parte de sua bagagem cultural, por meio da memória discursiva, o leitor constituirá sentidos à charge. Esses sentidos darão acabamento ao enunciado produzido pelo chargista, que será único a cada leitor, dependendo da capacidade de buscar em sua memória discursiva os seus conhecimentos, sua bagagem cultural, sua vivência elementos para imbricar tudo com os discursos da época da charge e dessa confluência constituir um sentido, um novo discurso, a partir de seus conhecimentos, ou seja, compor um texto novo, tornando-se, assim, co-autor do texto.

Essa ambiguidade se estabelece no último quadro, em que temos Lula à esquerda e Eduardo à direita, espantados com o vestido transparente da prefeita. Lula e Greenhalgh estão olhando para o vestido de Erundina com ar de “choque”, o que nos transmite a mensagem de que as transformações em curso poderiam ser surpreendentes (ISTOÉ/SENHOR, 30/11/88, p. 30).

Erundina, como prefeita, não poderia abertamente militar pela ocupação e ir contra o direito à propriedade, mas o compromisso de humildade e competência é evocado por ela. Esse discurso, de certa forma, é intensificado quando ela enfatiza a “TRANSPARÊNCIA” e acaba constituindo sua imagem. Esse discurso da transparência foi recuperado de outros textos da mídia em que se diz que ela não é capaz, ainda naquele momento, de lidar com as manhas dos mestres do off, do balão de ensaio, do despiste e que, por essa razão, vai rigorosamente em todas as bolas, à menor provocação, entrega tudo o que pensa ou sente (ISTOÉ/SENHOR, 30/11/1988, p. 30).

Por debaixo do vestido, a transparência deixa ver o que Erundina não fala, retomamos Bakhtin (2006), pois “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”.

Na charge, a transparência de sua fala está apresentada sob a transparência do vestido, indo o enunciado de um plano mais superficial a um mais profundo do discurso, em que a transparência material do tecido é análoga a de sua postura. Sob o riso largo, olhinhos apertados, postura de senhora alegre, doce e familiar (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/88, p. 52), a transparência desvela uma militante socialista radical que pretende, com palavras de ordem, governar a cidade. Essas palavras são:

“LUTA ARMADA”; “DIREITO À OCUPAÇÃO”; “FUNÇÃO SOCIAL DA PROPRIEDADE”; PROPRIEDADE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO”.

O chargista enuncia Erundina, na charge, com uma postura de oposição à democracia, pois evidencia sua ideologia sob a transparência do vestido, como representante do PT, é essa ideologia, essa imagem que passará do partido. Isso assusta Lula e Greenhalgh do próprio partido (PT) e dá margem para que se entenda que, apesar de mostrar-se como democrata, traz um ranço ditatorial. Permite também pensar que o partido é impositivo em sua forma de governar, forma essa que estaria marcada na própria fala da prefeita, mais especificamente nas palavras de ordem registradas em seu vestido.

Quando lemos a última expressão sob o vestido de Erundina, “PROPRIEDADE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO”, vemos uma referência direta aos fundamentos ideológicos da prefeita, pois se trata da questão da socialização dos meios econômicos, de modo a beneficiar a

classe trabalhadora, os oprimidos. No entanto, no dia de sua eleição, foi a ESTRELA SOLITÁRIA no palco onde BRILHOU (ISTOÉ/SENHOR, 23/11/88, p. 52, **grifos nossos**), numa festa pequeno-burguesa.

Na apresentação da charge, o chargista escolhe como título A ditadura da moda. A referência contextual, no ano de 1988, período em que o país se estava modificando, era uma ditadura que durou quase 21 e cerceou gravemente a liberdade de expressão. Não obstante, a leitura da charge sugere, mediante o título escolhido, que Erundina propõe entrar em outra.

Considerações Finais

A relevância deste artigo para os leitores, na perspectiva bakhtiniana contido na charge política de Paulo Caruso, reside no incremento da capacidade de leitura e interpretação desse gênero discursivo, pois o uso de charges como as do referido artista corrobora para promover, entre os leitores, uma leitura mais contundente da sociedade e de suas ideologias. Paulo Caruso integra o grupo de chargistas brasileiros que se mantêm alerta para denunciar as mazelas ocorridas no nosso país no que tange à política nacional, contribuindo para que elas cheguem ao nosso conhecimento por meio da charge.

Lembremos que os leitores procedem de diferentes famílias, de diferentes origens e de diferentes níveis socioeconômico-culturais de diferentes esferas e, portanto, a recepção dos enunciados é igualmente diversa. Esse fato faz-nos lembrar o que afirmamos anteriormente, pois são diferentes as esferas de circulação e recepção e de atualização social e cultural que os leitores carregam como marcas pessoais. Concordamos que a leitura da charge seja bom coadjuvante para enriquecer aos leitores de forma profícua no que tange à leitura, à pesquisa, à interação, à discussão, à análise e à interpretação do referido gênero que perpassa o meio social. É preciso considerar que o aperfeiçoamento da capacidade de leitura de uma charge promove o desenvolvimento intelectual do leitor e lhe proporciona condições para que se torne crítico.

Entretanto, sabemos que o tempo gasto para a compreensão da charge é pessoal e depende de uma série de fatores, aos quais já nos referimos ao longo deste trabalho e que podem ser assim resumidos: quanto mais desenvolvida for sua capacidade de reflexão e quanto mais diversificadas forem suas experiências culturais e sociais, mais facilmente esse leitor procederá à leitura e à compreensão dos diversos sentidos propostos nos enunciados, na charge política, resgatando seus conhecimentos e ativando sua memória discursiva na compreensão do enunciado e na re-elaboração do texto, atuando como co-autor do enunciado de maneira responsiva.

Os elementos verbais e visuais imbricam-se na construção da leitura da charge por meio da busca dos sentidos, pois esses elementos significam na comunicação humana e esta se dá de forma significativa, tanto no momento atual quanto em dado momento histórico. O sujeito participa da organização social e constrói a sua própria subjetividade, pois é no contato com o outro que ele reconhece e amplia sua identidade. Finalizando a análise da charge política, é preciso que se tenha em mente que nosso enfoque de modo algum se caracteriza como um ponto-final para as possibilidades de abordagens às quais o discurso chargístico se abre. Consideramos que muitas outras análises poderiam e podem ser realizadas com base nesta charge.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge**. 1993. 330 f. Tese (Doutorado)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge**. São Paulo: ECA/USP, 1993.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud ; Yara Frateschi. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **A cultura popular na idade média e no renascimento:** o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGSON, Henri. **O riso:** ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica.** 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

_____. **Ironia em perspectiva polifônica.** Campinas: Unicamp, 1996.

_____. (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** 2. ed. Campinas: Unicamp, 2005.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos.** São Paulo: Ática, 1975.

_____. **Carões, caras e caretas: salão de humor e de outros humores.** [S.l.: s.n.], [19--]. Mimeografado.

DINIZ, Maria Lúcia V. P. A charge: revelando a foto. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 29, p. 528-533, 2000.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 21-32.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** 4. ed. Lisboa: Presença, 1980.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.